



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

CIRLENE DE JESUS OLIVEIRA

**MEMORIAL
PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO DE UMA PROFESSORA DAS SÉRIES
INICIAIS**

ANAPU-PA

2022

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

CIRLENE DE JESUS OLIVEIRA

MEMORIAL:

Perspectiva de educação de uma professora das séries iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Prof.^a Dr. André Ribeiro de Santana.

ANAPU-PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

O48p OLIVEIRA, Cirlene de Jesus.
PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO DE UMA
PROFESSORA DAS SÉRIES INICIAIS / Cirlene de Jesus
OLIVEIRA. — 2023.
32 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Andre Ribeiro de Santana
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. Formação continuada. 2. História de vida. 3.
PARFOR. 4. MEMORIAL. 5. NOVAS METODOLOGIAS.
I. Título.

CDD 370.18

MEMORIAL: Perspectiva de educação de uma professora das séries iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.º Dr. André Ribeiro de Santana.

Avaliado em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

ANAPU-PA

2022

Dedico este trabalho a todas as crianças que hoje partilham das responsabilidades de casa como se fossem adultas, aquelas que não têm por falta de condição financeira, uma infância justa. Também dedico esse trabalho a todos os pais que sofrem por não poder garantir uma vida digna a seus filhos, mas que fazem o possível e o impossível para amenizar o impacto da pobreza na vida deles.

AGRADECIMENTOS

Continuar levantando e lutando apesar das derrotas impostas, continuar procurando o melhor no mundo e nas pessoas apesar dos golpes, continuar com um coração bom e gentil quando se tem conhecido o pior do mundo... Essas qualidades das quais ainda possuo faz com que eu agradeça a Deus, pois apesar dos pesares, nunca me senti sozinha. Eu não teria chegado onde cheguei sem a permissão e a benção dele. Reconheço que essa é apenas mais uma etapa, apenas mais uma vitória, pois sei que ele sempre continuará me capacitando para transformar vidas na minha sala de aula.

Abaixo de Deus temos nossas famílias que nos apoiam em nossas lutas do dia a dia, que são os nossos portos seguros. Que se doam pelos seus filhos e não medem esforços para o bem estar deles. Pai e mãe, agradeço por nunca terem desistido, por sempre me manterem motivada em meus estudos, por principalmente terem me ensinado a apreciar as coisas boas da vida e a entender e esperar tempos melhores quando os atuais não forem de nosso agrado. Muito do que sou hoje devo a vocês e sempre serei grata por isso, por todos os ensinamentos, por toda a paciência que tiveram comigo, pelos conselhos e por terem me guiado sempre por esse caminho de luz.

Agradeço também ao meu esposo Ronivon Costa Bezerra, por mesmo em dificuldades, mesmo quando eu fraquejava e pensava em desistir, ele sempre me aconselhava a continuar, essa minha nova conquista se deve muito a ele. Serei eternamente grata, por todas as noites em que ele entendia quando eu não ia deitar, que ficava fazendo meus deveres e também preparando minhas aulas.

Agradeço ao meu orientador Prof^a. André Ribeiro de Santana por ter me ajudado tanto nessa etapa do meu curso, sei que foi necessária muita paciência dele, agradeço-o por tudo o que fez para me ajudar até aqui.

Minha turma funcionou como uma unidade só, sempre buscamos ajudar uns aos outros, sinto que devo muito a eles também, principalmente pelo incentivo e motivação para continuarmos nessa caminhada acadêmica. Agradeço a cada um deles por isso, sempre lembrarei de cada um com um carinho imenso.

Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção. -
Paulo Freire

RESUMO

Minha trajetória de vida exemplifica o quanto o estudo pode ajudar a transformar realidades das quais sem ele seriam certamente precárias, minha trajetória de vida também demonstra o quanto o descaso com a educação pode atrasar a vida de alguém. Desde pequena sempre compreendia que os estudos eram a minha melhor chance de mudar a minha realidade, mas por problemas decorridos da falta de oferta de ensino acessível e da falta de sensibilidade dos profissionais da época, acabei desistindo em alguns momentos da minha trajetória de vida, mas por persistência, sempre retornava após algum tempo com o intuito de concluir os mesmos. Hoje na qualidade de professora sei que os estudos são essenciais para a melhoria da qualidade do ensino, uma vez que são através deles que adquirimos técnicas, metodologias, embasamentos teóricos para lidarmos com o processo de ensino aprendizagem. Visto que a formação educacional dos professores proporciona esses benefícios para o processo de aprendizado dos estudantes e sabendo que na nossa atualidade existem muitos profissionais sem essa formação exigida, surge aqui a necessidade de formação gratuita como o PARFOR para aqueles que não possuem condições de arcar com as despesas, mas que querem se profissionalizar na área em que exercem as suas prerrogativas. Exerci a função de professora de fundamental por muitos anos sem a formação nível superior, acredito que é necessária uma visão mais humanizada do processo de ensino, é necessário mais investimento na capacitação profissional, em oferta de formações e em estrutura física das escolas, pois a realidade nas instituições em que já trabalhei e já estudei em minha infância eram e são precárias.

Palavras-Chave: Formação continuada. História de vida. PARFOR. Aula Tradicional. Novas metodologias.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CAPITULO I - INFÂNCIA.....	10
3	CAPITULO II - TRAJETORIA ESTUDANTIL	12
3.1	ANOS INICIAIS – PRIMEIRO CONTATO COM A ESCOLA.....	12
3.2	ENSINO MÉDIO.....	17
4	CAPITULO III - INICIANDO A MINHA CARREIRA PROFISSIONAL	20
5	CAPITULO IV PARFOR – REALIZAÇÃO DE UM SONHO.....	23
6	CAPITULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Esse memorial se constitui de um entrelaçado de minha trajetória de vida com a importância da formação continuada para a construção de uma sociedade mais justa, poderão observar que minha perspectiva de vida andava na contramão de uma formação nível superior, foram muitas desistências em minha trajetória, mas aqui estou eu contra todas essas perspectivas.

O PARFOR como programa social desempenha seu papel de uma forma satisfatória, uma vez que alcança os seus objetivos, claro que possui ressalvas, coisas que podem e devem ser aprimoradas com o tempo de acordo com os prognósticos.

Minha trajetória educacional na condição de estudante fez com que eu tivesse uma visão de educação mais humanizada, sei o que deu e dá errado, sei o que dá e dará certo. A educação deve desempenhar esse papel na vida das pessoas, de transformar. De propiciar sermos construtores de nossos próprios conhecimentos. Cabe a nós na qualidade de professores criar oportunidades para que isso aconteça; Existem muitas coisas que são comprovadamente não funcionais, mas que ainda é replicado, seja por falta de orientação, seja por falta de formação. Falta de formação está que está sendo aos poucos sanadas por programas sociais como o PARFOR.

A metodologia utilizada na construção de trabalho de conclusão são experiências de vida própria, uma vez que esse trabalho é realizado no modelo memorial e com entrelaçado de referências bibliográficas de trabalhos voltados a essa temática da formação continuada, metodologias, PARFOR, modalidades de ensino, entre outras temáticas. Para isso, uso uma abordagem qualitativa, utilizo autores como Fagundes (2003), Martini (2003), Parente (2014), Lopes (2005), Cardoso (2017), Roloff (2010), Freire (2002), Souza (2014), Iglesias (2014), Pazin-filho, (2014), Riscal (2017) por nossas semelhanças de pensamentos, dando mais embasamento em minhas argumentações.

É importante enfatizar que todo trabalho realizado nas instituições escolares tem como foco o estudante, seu desenvolvimento cognitivo e aquisição de aprendizagem, ou seja, a sua formação integral. Nas instituições escolares é necessário que exista toda uma equipe preparada, capacitada e empenhada em desenvolver esses aspectos em cada um dos estudantes. O fato é que existe um profundo sentimento não somente dentro dessas instituições, mas como também de

grande parte da sociedade de que o ensino aprendizagem possui muitas deficiências. Encarar isso de frente é um passo fundamental, se acomodar e aceitar que o ensino atual é suficiente para atender as necessidades da sociedade além de ingênuo é errôneo.

O segundo capítulo é um resumo da minha infância, abordando fatos que fizeram eu ter essa visão de hoje em dia, no terceiro capítulo conto um pouco sobre minha trajetória nas instituições escolares na qualidade de estudante; No quarto capítulo conto minhas motivações em assumir minha primeira turma, fazendo uma trajetória do que deu certo e do que dá errado; No quinto capítulo faço uma abordagem sobre o que é o programa social PARFOR, esclarecendo pontos sobre formação em nível superior, interesses do programa e os resultados que podem ser colhidos a curto e longo prazo; Por fim, faço minhas considerações finais contextualizando a importância do PARFOR, as necessidades dos profissionais que ingressam nessa modalidade de ensino e o que ainda dá para fazer pela educação.

2 CAPITULO I - INFÂNCIA.

Eu sou Cirlene de Jesus Oliveira, nasci no dia 11 do mês de junho do ano de 1983, sou filha de Agostinha Francisca de Jesus e de Geraldo Marques de Oliveira; Tenho quatro irmãos e nasci na cidade de Itamaraju-Bahia.

A cidade de Itamaraju-BA em minha infância era muito pacata, lembro que não tinha asfalto, as estradas eram de barro ainda, as casas eram muito simples, em sua maioria feitas de barro e as melhores que tinha de madeira. Faltava redes de esgoto e a vegetação era densa na época. Eu morava na zona rural de Itamaraju e a situação não era muito diferente, tinha os problemas atenuados de ser longe dos comércios e postinhos de saúde. As estradas também não tinham tanto apoio da prefeitura fazendo com que o acesso fosse muito ruim também. A principal atividade econômica da nossa região era o extrativismo vegetal. Tínhamos uma condição financeira muito precária, faltava de tudo, até mesmo no que era essencial.

Meus pais trabalhavam nas terras de outras pessoas roçando pastos, derrubando matas para fazer roças, fazendo cercas, tirando leite, cuidando de criações como gado, porco, galinhas, entre outros animais que fazem parte da pecuária brasileira. Os donos de terras contratavam os meus pais e a gente ficávamos lá como caseiros durante período de tempo determinado. Eu gostava muito de lá, não tínhamos residência fixa, mas o contato com a natureza era muito grande, passava horas brincando no terreiro do sitio, era uma vida simples, mas éramos muito otimistas com tudo.

Meu pai saía com meus irmãos mais velhos para trabalhar na roça e minha mãe ficava em casa comigo cuidando dos afazeres domésticos e as plantações que ficavam perto da casa das roças.

Meus pais trabalharam durante anos dessa forma, minha infância apesar de tudo era muito feliz, éramos crianças e crianças se preocupam mais com o brincar do que com comer; Sim, a gente trabalhava pesado, a gente não tinha muitas coisas, mas éramos felizes apesar das dificuldades, lembro com muito carinho daquela época, dessa parte da minha infância, quando não estávamos trabalhando, estávamos brincando no terreiro com nossos amigos, brincávamos de pega-pega, do esconde-esconde, do queima, de bonecas e outras brincadeiras comuns da região das quais não me recordo do nome agora.

Mudamos para o estado do Pará quando eu tinha seis anos de idade, procurávamos melhores condições de vida, uma vez que nossa condição em Itamaraju-MA era muito complicada.

Chegamos em Jacundá-PA com muita fé de que tudo iria melhorar, de fato as oportunidades de emprego na área em que meu pai trabalhava eram com mais frequência do que em Itamaraju-MA, mas as coisas não mudaram muito com relação a nossa condição financeira.

Meus pais continuaram trabalhando desempenhando o mesmo papel que na cidade de Itamaraju-MA durante os quatro anos seguintes até conseguirem finalmente comprar uma terra. Essa terra era o que dava para comprar com o dinheiro que tínhamos, ela ficava à beira de um lago que fazia parte do rio Tocantins. Quando fizeram a construção da barragem da hidrelétrica de Tucuruí a maioria dessas terras que ficava a margem desse rio viraram ilhas. No período do verão as águas baixavam, meu pai roçava a vegetação e a gente plantávamos melancia e feijão e quando o inverno voltava os lagos e rios enchiam e muitas pessoas iam de barco pescar.

Os comerciantes compravam peixes, cipó e castanha do Pará, meus pais tinham essa renda durante o ano, feijão e melancia durante o verão e peixes, cipó e castanha do Pará durante o inverno. Era muito comum na nossa época a gente apenas trocar mercadorias com os comerciantes, o que colhíamos e pescávamos em troca de alimentos industrializados como arroz, açúcar, óleo, café, temperos, entre outros.

Eu gostava dessa terra, lá era muito bonito, eu gostava de ficar sentada a beira do rio olhando aquela linda paisagem que a vegetação propiciava; Nos períodos de seca eu e meus irmãos adorávamos ir banhar no rio, isso era até uma rotina. Continuávamos em uma condição financeira precária nesse novo município, mas sempre com fé de que um dia tudo iria melhorar, meus pais eram naquele tempo cheios de sonhos e planos, mantinham sempre a nossa família unida.

3 CAPÍTULO II - TRAJETORIA ESTUDANTIL

3.1 ANOS INICIAIS – PRIMEIRO CONTATO COM A ESCOLA.

Quando completei sete anos fui matriculada no primeiro ano do ensino fundamental, fiquei muito ansiosa, afinal esse seria meu primeiro contato com a escola, sabia que lá iria conhecer novas pessoas, iria sair da rotina de trabalho e casa. Essa escola era muito simples, faltava praticamente tudo, nem sequer paredes tinha, era apenas uma barraca no meio do nada. Pela pouca quantidade de alunos ela funcionava na modalidade multisseriada, tinha alunos de várias turmas diferentes da primeira a quinta série estudando no mesmo espaço com apenas um professor. “As escolas multisseriadas, também denominadas unidocentes, funcionavam com um só professor, atendendo, no mesmo espaço e ao mesmo tempo, as quatro primeiras séries do ensino primário.” (FAGUNDES E MARTINI, 2003, p, 3).

Naquela época e hoje ainda é, as zonas rurais nunca tinham as quantidades mínimas para formar turma regular, faziam isso por necessidade e não por e com uma metodologia de ensino por trás disso.

Autores e professores discorrem que esse tipo de modalidade traz poucos resultados ao ensino, uma vez que o professor fica sobrecarregado, incapaz de atender todas as séries com a devida dedicação que lhe é exigida. Nessa etapa inicial é essencial o contato do professor com o aluno mais recorrente, os alunos nessas séries necessitam de muito apoio, coisa que não é possível, pois o professor tem que atender ao mesmo tempo alunos de várias séries com progressos diferentes. O professor precisa pegar na mão do aluno para ensinar a escrever, o professor precisa silabar com os alunos que ainda não sabem ler, como fazer isso com dedicação quando se tem que esclarecer dúvidas de alunos de séries maiores? Como fazer isso quando se tem que explicar conteúdo para esses mesmos alunos? ‘O problema ainda é mais profundo quando a gente tem em mente que o professor ainda precisa lidar com o estresse de ser professor, diretor, coordenador, vigia, merendeiro, zelador, enfermeiro. Digo tudo isso com propriedade uma vez que fui aluna desse modelo e hoje sou professora nessa mesma modalidade. É desumano com o professor ter que

lidar com tudo isso e ele lida porque precisa do emprego e ainda ser julgado por pais e direção como incompetente quando não traz resultados positivos.

Cardoso & Nunes (2017) também criticam a falta de apoio e a atribuição do fracasso escolar apenas ao professor. Eles argumentam que:

No entanto, essa responsabilidade pelo êxito ou fracasso atribuída ao professor constitui-se como ação delicada e cruel, visto que o Governo lança as propostas de melhoria da educação fundamentadas nas necessidades econômicas vigentes, mas muitas vezes não oferece condições favoráveis para a efetivação dessas propostas ou se esquia de suas responsabilidades frente às demandas sociais (CARDOSO & NUNES, 2017, p, 13).

É muito comum essa crítica da sociedade quanto ao professor, mas não a cobrança de políticas públicas voltadas a solução dessa problemática. É necessário um olhar mais humanizado nas raízes desse problema. Em minha carreira de professora vi muitas vezes colegas serem demitidos ao invés de preparados para ministrarem as aulas, pois buscam soluções imediatas para problemas permanentes, para eles era e é mais fácil punir do que preparar.

E ainda sobre as problemáticas da multisseriação, PARENTE (2014, p, 2 – 3) argumenta que:

A multisseriação é uma prática que incomoda. E vem incomodando cada vez mais porque é a partir dela que são expostos muitos dos históricos problemas educacionais: escassa infraestrutura material, pedagógica, administrativa e de recursos humanos; condições precárias de trabalho e de formação docente.

Diante do exposto, agora conto sobre minha primeira experiência com os estudos. Minha primeira professora tinha pouca paciência com os alunos, ela já era uma senhora de meia idade, já tinha trabalhado muitos anos na educação nessa modalidade de ensino; Ela vivia estressada na sala de aula, brigava muito com os alunos, pois eles eram em sua maioria muito ríspidos, respondiam muito mal a professora, as vezes chegavam até a enfrentar. Ela não esperava os alunos terminar de copiar, quando dava o tempo em que ela esperava para a cópia, ela já ia apagando, os alunos que não tinham terminados eram punidos pela conhecida palmatória e ou sofriam muita pressão psicológica.

A professora não tinha nenhum carinho pelos alunos. Foi uma experiência muito ruim com a escola, eu perdi totalmente o encanto nessa etapa, os anos posteriores eu ia para a escola apenas por insistência de meus pais. Enquanto eu estive nessa escola não desenvolvi leitura, nem escrita. Hoje entendo o estresse daquela professora, com o que ela tinha que lidar sem formação alguma, uma vez que

os professores eram contratados sem ao menos terem o ensino médio completo. Faltava muito apoio de uma equipe pedagógica para as escolas da zona rural. E o salário era muito precário. O que era um agravante também para a desmotivação com o ensino de muitos profissionais de educação da época.

Diversos autores discorrem que é necessário muito empenho dos professores nessas séries iniciais para que os alunos consigam desenvolver suas habilidades cognitivas e emocionais. Roloff (2010, p, 2-3) argumenta que:

O professor deve orientar as aulas para que todos se manifestem e produzam independente de suas capacidades. Nos primeiros anos escolares é muito importante deixar claro que cada sujeito é único, com diferentes construções lógicas e significações. Neste momento, em que o aluno entra no estágio das operações concretas, o lúdico aliado ao conhecimento é de fundamental importância.

Por causa dessa falta de tato dessa minha primeira professora, reprovei na primeira série, mudamos de escola para ver se eu me adaptava melhor e iniciei a primeira série novamente, as coisas não foram muito diferentes na outra escola, uma vez que as realidades se repetiam, escolas sem estrutura física, professores sem formação, sala lotada de alunos de diferentes turmas em um mesmo horário com um mesmo professor.

Tive muita dificuldade em socialização com meus colegas, me sentia deslocada, a situação financeira da minha família também complicava tudo, não tínhamos condições de comprar os materiais escolares essenciais como cadernos, lápis, borracha, mochila para carregar os materiais e até roupas. Meus pais faziam o que podiam dentro de suas limitações, trabalhavam pesado para conseguir os alimentos e nos manter na escola.

Uma outra dificuldade muito grande era a distância da escola, ficava a uns 3 quilômetros de distância e tínhamos que ir andando todos os dias. Nossos pais não deixavam a gente faltar de jeito nenhum, pois queriam um futuro diferente para a gente.

Como a nossa situação não estava muito boa em Jacundá meus pais venderam a terra baratinha por causa da localização e mudamos para Altamira-PA. As coisas não melhoraram muito na questão de acessibilidade, lembrando que sempre comprávamos terras em locais de difícil acesso porque era o que o dinheiro dava para comprar.

Só para lembrar estudei dois anos seguidos na primeira série e reprovei os dois anos seguidos. Fui matriculada novamente em Altamira-PA no primeiro ano e lá

o ensino aprendido era bem diferente das minhas escolas anteriores. A professora era atenciosa, explicava os assuntos com didática e simpatia, me ensinou a ler e a escrever, fazia brincadeiras na hora do recreio da bandeirinha, queima, futebol, entre outras brincadeiras tão comuns nas nossas infâncias antigamente.

Roloff (2010, p, 1-2) defende que:

A ludicidade entra neste espaço como integrador e facilitador da aprendizagem, como um reforço positivo, que desenvolve processos sociais de comunicação, expressão e construção de conhecimento; melhora a conduta e a auto-estima; explora a criatividade e, ainda, permite extravasar angústias e paixões, alegrias e tristezas, agressividade e passividade, capaz de aumentar a frequência de algo bom.

Essa nova concepção democrática de ensino, onde o aluno se torna pesquisador, onde o aluno é envolvido nos conteúdos através de brincadeiras e dinâmicas faz com que ele se torne mais interessado com o processo de ensino aprendizagem. Um ponto que melhora muito também é a questão do relacionamento professor-aluno, pois o professor vai estar dividindo o protagonismo do ensino com os estudantes, os alunos deixarão de criticar o professor, enfrentar e até mesmo competir. Souza, (2014, p, 6) esclarecem que:

Na nova relação docente-aluno, os aprendizes devem gradualmente assumir mais controle e participação sobre seu próprio aprendizado, e os docentes, o papel de facilitadores do aprendizado. O nível de conhecimento do aluno é essencial para a escolha da estratégia, tanto quanto influentes são as dinâmicas individuais e a do grupo.

Em grandes partes a minha progressão no ensino nessa nova escola sem dúvidas se deu por causa da didática da professora, eu não apenas consegui passar de ano, como também acabei desenvolvendo na leitura e na escrita. É necessária muita tática para o ensino nessas séries iniciais e essa professora se mostrou muito capacitada para exercer sua profissão, a ludicidade vai em posição oposta ao tradicional método de ensino, colhendo resultados significativos, Roloff (2010, p, 3) sintetiza que: “ Para que a aula se torne significativa, o lúdico é de extrema importância, pois o professor além de ensinar, aprende o que o seu aluno construiu até o momento, condição necessária para as próximas aprendizagens.”

Mas como nem tudo são flores, a escola também ficava muito longe da minha casa, mas ao invés de ir andando, dessa vez a gente tinha que ir de barco nos períodos de inverno. Nas cheias a comunidade ribeirinha em que morávamos virava uma ilha, então o transporte era feito através de barcos, nessa comunidade morava cerca de 200 pessoas, a escola mais próxima ficava do outro lado do rio Xingu, todos

os dias uma canoa vinha buscar a gente para irmos para a escola e depois ia nos deixar em casa. Tínhamos muito medo desse percurso, estudei ainda até a quarta série até desistir dos estudos.

As aulas foram muito produtivas nesse período em que fiquei naquela escola, estudávamos na modalidade multisseriada e desenvolvi bastante nesse período, a professora sempre inovava em suas metodologias, sempre aparecia com uma coisa diferente, uma brincadeira diferente, como gincanas de soletrar, sorteio de palavras, contava histórias, cruzadinha de sílabas e letras utilizando cartolinas, roleta de sílabas. Além de aprender, nos divertíamos bastante nas aulas dessa professora, tínhamos vontade de estar na escola, além do relacionamento dela com os alunos ser muito bom.

Costumamos aceitar as realidades das quais nos encontramos, uma vez que, por falta de oportunidade ou de condições de melhorar financeiramente nos sujeitamos a trabalhar dentro do que nos é imposto, pois aceitar é muito mais fácil que tentar modificar a realidade. Isso também vale para a educação, tanto na questão do professor como do aluno. Muitos professores preferem se manter estagnados em suas metodologias, contribuindo para esse ensino defasado. Já os alunos, as vezes por causa dessas metodologias tradicionais aplicadas desde o pré-escolar não enxergam e não buscam a educação como uma forma de melhorar de qualidade de vida, como forma de ampliar seus projetos profissionais.

A visão ingênua que os indivíduos têm da realidade torna-os escravos, na medida em que, não sabendo que podem transformá-la, sujeitam-se a ela. Essa descrença na possibilidade de intervir na realidade em que vivem é alimentada pelas cartilhas e manuais escolares que colocam homens e mulheres como observadores e não como sujeitos ativos dessa realidade. (LOPES & SOUSA, 2005, p, 12)

É necessário darmos mais protagonismos aos pais, professores, gestores e coordenadores no papel da educação dos estudantes, é necessário sairmos dessa bolha a qual vivemos dentro do espaço escolar, onde acredita-se que o professor é o ponto central na educação dos estudantes. Muitas escolas já assumem o campo democrático já na parte do planejamento do projeto político pedagógico das instituições, que é onde definimos as nossas metas e metodologias de ensino, com relação a esse projeto Riscal (2017, p, 14) defini que:

O Projeto Político Pedagógico é um dos instrumentos inovadores da escola democrática, pois é o momento em que todos os membros da escola (não apenas docentes, mas pais, alunos e funcionários) se reúnem para estabelecer como a escola vai se organizar para atingir os objetivos fundamentais da educação que é a aprendizagem efetiva de todos os alunos.

Essa educação participativa irá fazer com que o ensino seja mais fluido e o peso que colocamos e colocam nas costas do professor seja distribuído entre todos os que fazem parte da educação, até mesmo dos alunos.

Casei aos 14 anos e mudamos para o município de Anapu-PA a procura de melhores oportunidades, eu tinha muita vontade de continuar meus estudos aqui no Anapu-PA, mas o meu marido não me deixava estudar, tive uma filha com ele, moramos alguns anos juntos e nos separamos, foi quando eu tive oportunidade de voltar a estudar, fiz o EJA onde eu pude concluir o ensino fundamental completo e dei início ao ensino médio.

Meu ensino fundamental pela EJA foi bem tranquilo, eu ia estudar aos fins de semana na zona urbana de Anapu, a metodologia deles funcionava, uma vez que eu gostava bastante de estudar, conclui meu ensino fundamental completo em 8 meses.

3.2 ENSINO MÉDIO.

Depois de dois anos morando sozinha e ter concluído o ensino fundamental casei novamente, esse meu novo marido era mais compreensível com os meus estudos, me apoiava. Eu tinha muita vontade de dar prosseguimento aos meus estudos e ele não era contra, mas tínhamos uma grande dificuldade porque onde morávamos não tinha escola nível médio, nessa época eu morava em uma vicinal na zona rural do município de Anapu chamada de Virola-Jatobá, então eu tinha que me deslocar para a zona urbana para estudar, nesse mesmo período tive uma outra filha com esse meu novo esposo, eu não tinha com quem deixar ela nos momentos em que estaria na escola. Eu e vários outros colegas da minha vicinal nos matriculamos no Centro Educacional Pan-Americano, CEPA, na modalidade EJA, educação de jovens e adultos.

Sobre o EJA, Lopes & Sousa (2005, p, 2) definem que: A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada.” Essa modalidade de ensino foi fundamental para que eu conseguisse concluir meu ensino

médio. Tive muitas dificuldades de prosseguir nessa modalidade, coisa que seria inviável na modalidade de ensino regular.

A didática dessa turma de EJA era muito boa, a gente era tratado com cordialidade e os professores tinham uma atenção especial a nossas dificuldades. Lopes & Sousa (2005, p, 2) argumentam que isso é uma metodologia ideal para se lidar com jovens e adultos que desistiram por algum motivo do ensino regular na idade certa, eles esclarecem que:

Por isso, o professor da EJA deve, também, ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno. O perfil do professor da EJA é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno adulto que vê seu professor como um modelo a seguir.

Muitos de nós que estávamos ali naquela sala tínhamos muitas dificuldades em coisas básicas como interpretação, escrita, gramática, entre outras dificuldades na língua portuguesa, mas os professores foram muito pacientes em nos ensinar, em sanar essas nossas dificuldades. Sempre antes de iniciarmos as aulas lembro que os professores gostavam de fazer dinâmicas e brincadeiras para a gente se descontraí, isso nos ajudava a enturmar, uma vez que já éramos adultos em sala de aula.

A mensalidade que pagávamos na época era 150 reais, esse era o custo para o polo manter os professores. As aulas eram em dias e horários flexibilizados, estudávamos aos sábados e domingos. Eu sempre fazia meus trabalhos com os colegas da minha vicinal porque facilitava o acesso.

Eu morava a uns 30 km de distância da zona urbana, então fazíamos esse percurso todo fim de semana para conseguir estar presente na sala de aula. Era muito difícil, principalmente no período de inverno, como a gente sempre saía em grupos da nossa vicinal, a gente sempre se ajudava nas estradas.

Eram muitos gastos para estar na casa todos os fins de semana, tinha o gasto da mensalidade, o da alimentação, o da gasolina, o de peças da moto, chegou um tempo em que eu já não estava mais conseguindo manter meus estudos e estava pensando seriamente em desistir. Aqui entra a grande importância de apoio governamentais para pessoas como eu conseguir concluir os estudos. Na disponibilização de ensino gratuito na localidade que moramos, se não possível, em ajuda financeira para custearmos os estudos em locais mais distantes de nossa residência.

A comunidade em que eu morava vendo esse meu empenho em terminar meus estudos e também por causa deles, uma vez que eu entre os componentes da

comunidade era a que tinha mais estudo, me convidaram para fazer parte da coordenação da associação do PDS Virola-Jatobá, minha remuneração na época era de um salário mínimo, essa oportunidade chegou em um momento em que eu estava precisando muito, com esse salário consegui manter os meus estudos.

4 CAPÍTULO III - INICIANDO A MINHA CARREIRA PROFISSIONAL

No ano 2013 fui chamada pela prefeitura de Anapu para fazer um teste para concorrer ao cargo de professora. Passei e fui contratada. Dava aulas para alunos do pré-escola, ou seja, os jardins.

Eu sempre procurava tornar os meus alunos protagonistas na construção do aprendizado deles, procurava sempre criar dinâmicas, jogos, trazendo a ludicidade para a sala de aula. Eu tive retornos muito positivos nessa minha primeira experiência como professora, eu sempre buscava me espelhar na professora que me alfabetizou, Lopes & Sousa acreditam também na premissa de que o ensino deve ocorrer de forma democrática, onde os estudantes e os educadores são protagonistas na construção do conhecimento em si, de sua progressão no processo de aprendizado. Eles argumentam que:

Por essas novas concepções, educador e educando devem interagir. São criados novos métodos de aprendizagem, por meio dos quais o alfabetizador trabalha o conteúdo a ser ensinado - a língua escrita - com a preocupação de que seus alunos estejam compreendendo o sentido para o sistema da escrita, a partir de temas e palavras geradoras, ligadas às suas experiências de vida. (LOPES & SOUSA, 2005, p, 10)

Foi com essa experiência que decidi seguir nessa carreira, os pais davam muito apoio e ajudavam no que era preciso, apesar de ser uma escola de zona rural, onde não tem uma estrutura muito boa, pude compreender melhor o funcionamento de uma escola. Com essa experiência também pude ter uma visão mais ampla do que é ensinar, ao decorrer do ano reavaliei conceitos que demonstraram não dar um retorno positivo, aprendi novos e foi possível reforçar e ampliar alguns que eu já tinha em mente.

No ano de 2014 tive a minha outra filha Ana Isabela, o contrato com a prefeitura só valia até no mês de junho então eu passaria as férias sem receber e quando chegaria no mês de agosto tinha que assinar o contrato novamente. Essa era uma forma que prefeitura tinha de não pagar as férias para a gente, benefício que era apenas dos concursados.

Tive mais uma filha Jamile e continuei a trabalhar dessa maneira por contratos até que finalmente abriu um seletivo eu consegui passar nele, não tive dificuldades porque somente eu concorria a vaga na escola em que eu estava inscrita. Eu passei a dar aulas na modalidade multisseriado de primeiro ao quinto ano na escola Coração

de Jesus, era muito difícil ter que lidar com vários alunos de séries diferentes, foi nessa escola que eu entendi o porquê das minhas professoras serem tão estressadas como eram, mas ao contrário delas eu procurei me aperfeiçoar mais, procurar novas metodologias, dinâmicas, brincadeiras para fazer com que os alunos gostassem das aulas, fazer com que eles fossem mais participativos.

Trabalhei dois anos nessa escola e pela minha avaliação própria senti que consegui atingir meus objetivos, consegui com que meus alunos fossem mais participativos, eles gostavam de ir para a escola e não tinha problemas de autorregulação. Em grandes partes atribuo minha didática para esse resultado positivo.

Ainda sobre essas didáticas das quais mencionei e que considero democráticas, Freire (2002, p, 40) também acredita que a relação entre professor e aluno deve acontecer dessa forma, os conhecimentos são criadas a partir da relação entre o professor e o aluno.

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

A avaliação também deve acontecer de forma que o aluno seja avaliado por seu desempenho no ano letivo e não apenas por uma prova que calcula o quanto ele aprendeu e ou decorou sobre determinado assunto. É importante enfatizar que esse método faz com que muitos alunos sejam punidos por uma ou falta de atenção ou por uma não compreensão em determinado assunto. Souza (2014, p, 4) argumenta que:

A avaliação deve ser processual e formativa para a inclusão, autonomia, diálogo e reflexões coletivas, na busca de respostas e caminhos para a solução de problemas, intervenções e acompanhamento de avanços discentes. Sem o caráter de punição, proporciona diretrizes para tomada de decisões e definição de prioridades.

Sempre fui uma crítica desse método de avaliação, os alunos possuem pontos fortes e fracos e não devem ser punidos por suas dificuldades, se o aluno não é bom em matemática, ele é bom em outras disciplinas e certamente esse aperfeiçoamento dele virá mais adiante; Os pontos fortes deles também podem vir a se tornar as suas futuras profissões e atrasa-los por não conseguirem compreender determinado assunto representará um atraso muito grande para com as suas vidas.

Souza (2014, p, 4) defende que: “ Na metodologia tradicional, a memorização, como a principal operação exercitada, é insuficiente para os processos efetivos de ensino-aprendizagem e conjunturas contemporâneas.” A memorização não é garantia de aprendizado e a avaliação por meio dessa memorização também não é garantia; Dessa forma, reiteramos que os alunos devem ser avaliados por um conjunto de fatores como atividades avaliativas, participação em sala de aula, realização de atividades de sala e casa e relacionamento social.

O tradicional método de ensino o professor é o detentor do conhecimento e cabe a ele repassar isso aos estudantes, esse conhecimento costuma ser repassado através de cópias de quadro e de livros, esse método sobrecarrega o professor e deixa as aulas muito desanimadoras, uma vez que os alunos sentem muita dificuldade de se concentrarem nos assuntos. Souza (2014, p, 5) discorre que: No modelo de ensino centrado no professor e na transmissão de conteúdos, com predomínio de aulas expositivas e práticas fragmentadas há alto grau de dependência intelectual e afetiva dos alunos em relação ao professor.

Ao final dos dois anos chegou ao fim o tempo determinado pelo seletivo e a coordenação informou que se eu quisesse continuar trabalhando na área teria que cursar um curso nível superior. Eu fiquei triste porque não tinha condições naquele momento de cursar uma graduação em uma faculdade particular e muito menos perspectiva de entrar em uma universidade federal por meio de bolsas de estudo, uma vez que não me sentia capacitada para concorrer e sem condições de me mudar caso conseguisse classificação.

Sim, eu exercia a profissão apenas com ensino médio completo, fiquei triste por causa do que foi decidido pela SEMED, mas eu entendia as motivações deles, fiquei triste não por não conseguir mais trabalhar com nível médio, mas por não ter condições de cursar uma graduação nível superior. Nesse mesmo período a CEPA abriu uma turma de pedagogia no município de Anapu. Me inscrevi de cara e passei, mas durante o período que eu estava cursando descobri que ela não era credenciada pelo MEC, então desisti.

5 CAPITULO IV PARFOR – REALIZAÇÃO DE UM SONHO.

O plano nacional de formação de professores da educação básica mais conhecido como (PARFOR) é um programa social que visa a preparação e formação de professores com o objetivo de dar mais qualidade ao ensino aprendido. Abdala (2017, p, 3) esclarece que:

Trata-se de um conjunto de ações do Ministério da Educação, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em colaboração com as secretarias de Educação de estados, municípios e instituições de ensino superior, para ministrar cursos superiores a professores de escolas públicas que não possuam a formação adequada indicada na LDB nº 9.394/96 (Brasil, 1996).

Na época em que eu era apenas uma estudante das séries iniciais do ensino fundamental os professores eram contratados com nível médio, magistério e em algumas ocasiões apenas com o fundamental mesmo. O resultado podemos observar na quantidade exorbitante de adultos analfabetos que não conseguiram terminar o ensino fundamental. Naquela época poucos chegavam ao ensino médio. Alguns acontecimentos estão até relatados nesse trabalho de conclusão sobre como os professores lidavam com o ensino na época. É muito triste ver que isso ainda hoje existe, mas é animador ver que programas como o PARFOR estejam mudando essa realidade.

Cardoso & Nunes em seu artigo denominado “O plano nacional de formação de professores da educação básica (PARFOR): o ideal e a realidade vigente”. argumentam que iniciativas como essa da PARFOR melhoram a qualidade de ensino nas instituições escolares, uma vez que os professores são as peças fundamentais no processo de ensino. Pode existir instituições escolares das mais bem equipadas da atualidade, mas ainda assim não seriam escolas sem um professor para garantir o processo de ensino.

O Parfor, como política nacional de formação de professores da rede pública, é, pois, uma iniciativa recente, considerada plausível e relevante para assegurar o que determina a LDBEN nº 9.394/1996 no tocante à formação dos profissionais da educação, bem como para melhorar a qualidade da educação brasileira, uma vez que a educação é um organismo vivo e o professor é a peça fundamental para o crescimento cultural, social e econômico da nação. CARDOSO & NUNES (2017, p, 13)

Ainda sobre o funcionamento do PARFOR o Art. 12 da regulamentação esclarece que o curso é ofertado nas seguintes modalidades:

- I - primeira Licenciatura – para docentes que não possuam formação específica de nível superior na área em que atuam;
- II - segunda licenciatura – para docentes com licenciatura em área diferente daquela que lecionam; e
- III - formação pedagógica – para docentes com formação superior de bacharelado na área correspondente à área que lecionam. (Brasil, 2021, p, 4)

Um ponto que deveria ser mudado é que esse programa se limita a professores que estejam em serviço em redes municipais de educação e em período de recesso/férias letivo(a)s, isso traz uma sobrecarga ao professor; No período em que ele está na função de professor precisa dividir tempo entre planejamento de aulas e estudos, já nos períodos de férias ele não teria um momento de descanso. Nós, profissionais da educação, sabemos bem o cansaço mental que é trabalhar 05 meses seguidos em sala de aula.

A regulamentação do programa PARFOR em seu Art. 2º esclarece:

Art. 2º O Parfor é um programa da CAPES que visa contribuir para a adequação da formação inicial dos professores em serviço na rede pública de educação básica por meio da oferta de cursos de licenciatura correspondentes à área em que atuam. (Brasil, 2021, p, 1)

Isso também é reiterado no Art. 17. Quando definem que: “ Poderão participar do Programa os professores da rede pública de educação básica que comprovarem estar no exercício da docência na rede pública de educação básica atuando na área do curso pleiteado.” (Brasil, 2021, p, 5)

Os professores que ingressam nessa modalidade sem sombras de dúvidas não teriam acesso à educação nível superior de outra forma, seja pelas dificuldades financeiras ou pela disponibilidade de horário, mas esse curso deveria ser disponibilizado de forma intensiva onde o profissional ficava de licença como o que acontece em mestrados, é muito complicado para esses profissionais conciliar os estudos com os preparativos para a sala de aula. Mas ainda assim esse programa tem se mostrado muito eficiente e de certa forma funciona sendo necessário muito esforço por parte do profissional para conciliar tudo.

Cardoso e Nunes (2017, p, 12) também discorrem sobre essa questão da conciliação da vida acadêmica proporcionada pela PARFOR com a regência em sala de aula. Eles argumentam que:

É inegável, portanto, que o avanço na qualidade da formação superior no país ocorre por meio dos programas e pelo esforço dos próprios professores na busca de preparo para o exercício da profissão, pois estes tentam conciliar, na medida do possível, seus respectivos horários de trabalho às suas formações, sem se afastarem de suas funções. Afinal, aos estudantes do

Parfor é negada a possibilidade de afastar-se de suas atividades laborais para dedicar-se exclusivamente ao rendimento em sala.

É necessário muito empenho dos professores que se formam por intermédio do PARFOR, por suas jornadas de trabalho já serem cansativas por si só. Esperamos que esse programa possa aperfeiçoar mais com o decorrer dos anos e trabalhe esses pontos abordados.

A Seção II dos Objetivos do PARFOR esclarece que:

Art. 4º São objetivos específicos do Parfor:

- I - fomentar a oferta de cursos de licenciatura cujas propostas pedagógicas atendam às especificidades da formação inicial de professores em serviço;
- II - oferecer aos professores da rede pública de educação básica oportunidade de acesso à formação específica de nível superior em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam;
- III - estimular a aproximação entre a educação superior e a educação básica, tendo a escola onde o professor trabalha como espaço privilegiado de formação e de pesquisa. (Brasil, 2021, p, 2)

Um ponto que considero muito interessante é na menção do inciso III dos objetivos quando sintetiza que um dos objetivos é a aproximação da educação superior com a básica, uma vez que essa formação vai trazer resultados em toda a ramificação de educação, tanto de quem recebe como quem repassa. Defenderei acima de qualquer coisa sempre a formação continuada, nós, profissionais da educação não podemos nos acomodar.

Em 2019 abriu uma turma para os professores de Anapu-PA para ingressarem no programa PARFOR. Meu coordenador me inscreveu, fui aprovada e passei então a cursar Pedagogia nas férias e recessos escolares de Janeiro e Julho. Nesse mesmo ano que iniciei a graduação fiquei grávida do meu filho Jacó, era muito cansativo, mas continuei firme porque sabia que essa era uma oportunidade de ouro na minha vida.

Durante a Pandemia da Covid-19 acabei perdendo seis disciplinas porque as aulas eram online e eu não tinha acesso à internet, apenas nas aulas de Junho que as aulas voltaram e eu pude continuar o progresso do meu curso.

No mês de Dezembro a universidade fez uma nova oferta dessas disciplinas que eu havia perdido, consegui realizar todas e estou aqui concluindo essa última etapa dos meus estudos.

Através dessa minha formação pelo PARFOR pude adquirir alguns conhecimentos dos quais eu ainda não era familiarizada, tudo o que eu botava em prática em sala de aula até então, eram técnicas passadas por colegas, que eu aplicava por conta própria e que eu aprendia através de estudos dos quais eu

realizava por conta própria. Através dessa formação comecei a por em pratica o ensino democrático, avaliação continua, aulas através de dinâmicas e brincadeiras para conseguir conquistar a atenção dos alunos.

Me considero uma sortuda entre os componentes da minha família, fui a única que conseguiu uma formação nível superior, meu irmão Osvaldo Almeida, minhas irmãs Sirleia Oliveira e a Marilene Almeida estudaram apenas até a quinta série; A Maria Neide chegou até a quarta série. Meus pais não tinham formação alguma.

6 CAPITULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na época em que eu era apenas uma estudante no ensino fundamental era muito precária, os profissionais da educação em sua maioria não tinham formação, exerciam a profissão com apenas o nível médio, as vezes conseguiam trabalhar na área com o nível fundamental. O resultado disso foi explanado no desenvolvimento desse memorial, que é a alta evasão e o grande número de pessoas analfabetas dessa época.

Programas sociais como essa do PARFOR possibilita a profissionais que não tiveram a chance de se formarem e que estão trabalhando com apenas o nível magistério a conseguirem uma graduação a nível superior por uma instituição renomada. O distanciamento entre as classes sociais só é possível através da disponibilidade de ensino gratuito, uma vez que uma boa parcela da população não tem condições de arcar com os estudos. Além disso, formar profissionais da educação para assumirem as suas turmas faz com que toda uma sociedade seja beneficiada, sabemos que toda sociedade tem raízes na educação e o desenvolvimento da mesma está diretamente a como ela lida com o sistema educacional.

Minha trajetória de vida demonstra um descaso muito grande com a educação, uma vez que não existiam programas sociais de formação profissional, não existia estrutura básica das instituições escolares e nem de acesso. Hoje em dia mudou-se muitas coisas, mas infelizmente ainda é observável uma grande parcela da sociedade a mercê de metodologias tradicionais de ensino; A quem procura novas formações, novos horizontes da educação diagnosticam que o tradicional quadro e giz, hoje quadro e pincel em determinadas escolas, sabe que isso não traz resultados desejáveis. Dessa forma, cabe a órgãos governamentais propiciar esses momentos de formação superior e formação continuada.

Desde que nascemos à gente aprendemos com o meio em que vivemos, aprendemos com a família, amigos, professores, com o ambiente, ou seja, aprender é uma característica do ser humano. O aprender não tá ligado ao quadro e giz, mas sim a curiosidade que despertam na gente ao ministrar tal conteúdo, tanto que a gente obtém melhores resultados quando trabalhamos com dinâmicas, de forma descontraída, com exemplos, com comparações. Talvez essa seja a principal característica do ensino aprendizagem: a curiosidade.

A ludicidade como argumentada traz resultados muito consideráveis a educação como foi sintetizada aqui, é até demonstrada na diferença em minha própria formação nas séries iniciais quando fiz uma comparação entre a educação da minha primeira professora com a professora do município de Altamira-PA.

Devemos sempre buscar novas metodologias, a educação na atualidade está em constantes mudanças, estagnar em nossas metodologias de ensino é um atraso muito grande na vida de nossos alunos, somos diretamente responsáveis pelo destino deles e de toda a sociedade, se trabalharmos visando apenas o salário, estaremos condenando vidas, devemos ter um olhar mais humano, são crianças que dependem da gente.

A equipe de coordenação e professores devem ter a consciência de que para atingir um melhor desempenho se faz necessário uma gestão democrática, onde a escola está amparada no coletivo. Por instituição democrática RISCAL define: "Em uma escola democrática as decisões são tomadas coletivamente e o planejamento das atividades é realizado com a participação de toda a comunidade escolar." Quanto mais ideias e sugestões serem apreciadas em conjunto, mais qualidade estaremos dando ao ensino.

Também é necessário o entendimento de que o ensino não ocorre apenas dentro da instituição escolar, mas dentro e fora do contexto escolar, ou seja, toda a comunidade, então é essencial que os profissionais escolares tragam as famílias dos estudantes para o processo de ensino, isso irá ajudar até mesmo na questão comportamental dos alunos nessas instituições. Tudo o que foi criticado aqui e tudo o que foi relatado como potencializador do ensino, vem de vivências próprias e de colegas e conhecimentos adquiridos proporcionados por essa formação PARFOR.

De certa forma a educação ainda é muito carente em diversas áreas, tais como estrutura, aparelhos audiovisuais, acessibilidade, formação profissional, formações pedagógicas, entre outros pontos, mas mesmo assim observamos professores assumindo essa missão honrosa.

Muitas pessoas assumem essa profissão por causa do trabalho, por ser mais próxima de suas realidades, mas ao se depararem com suas turmas e verem que aquelas crianças dependem deles passam a priorizar a progressão deles como se fossem seus próprios filhos. Existem professores por vocação, por transformação e por necessidade. Os professores que entram nessa profissão por vocação desempenham as suas atividades com maestria, são mais extrovertidos, sempre

inovando em sala de aula; Os por transformação, são os professores que assumem as turmas por necessidade, mas que acabam por se identificar com as turmas e desempenham os seus papéis da mesma forma que os que assumiram por vocação. Ou seja, assumem por necessidade da ocasião e são transformados, eles se sentem na responsabilidade de fazer com que os alunos aprendam. Por fim temos os professores por necessidade, são os que assumem as suas turmas porque é o trabalho que acharam mais fácil dentro de suas realidades, conheci muitos professores que assumem esse papel porque o serviço manual é muito pesado, chega a pagar até menos que um professor assalariado.

Geralmente esses professores não buscam se capacitarem para exercerem as suas profissões e tem pouco tato para lidar com os alunos. São estressados em sala de aula porque se sentem deslocados, culpam os alunos por não aprenderem, mas não se culpam por suas metodologias que são tradicionais. De qualquer jeito é necessário muito investimento em capacitação desses profissionais, em cursos, em formação, em encontros pedagógicos para que dessa forma eles possam mudar um pouco essa visão de ensino das quais possuem, para dar mais qualidade ao ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Capes. **COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR**. Brasília: Capes, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/diretoria-de-educacao-basica/31122021_ParforNovoregulamentoPortaria220_2021SEI_23038.005296_2017_80.pdf Acesso em: 19 de Dezembro de 2022.

CARDOSO, E.; NUNES, C. **O plano nacional de formação de professores da educação básica (PARFOR): o ideal e a realidade vigente**. Educação & Formação, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 54-69, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/159> Acesso em: 29 de Outubro de 2022.

FAGUNDES, José; MARTINI, Adair Cesar – **Políticas Educacionais: da escola multisseriada à escola nucleada** – Olhar de Professor. Ponta Grossa, 6(1): p. 99-118, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B3GQrRvm4KXOM2pRYm05cIRhN2M/view?resourcekey=0-UIN90LWoDf2fPlvSYdGqFQ> Acesso em: 25 de Dezembro de 2022.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia**. Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), v. 5, p. 75-80, 2005.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. **Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]. 2014, v. 22, n. 82, pp. 57-88. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/DrWKHc9xpY9X9SmwK7K6wZw/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 26 de Dezembro de 2022.

ROLOFF, Eleana Margarete. **A importância do lúdico em sala de aula**. X Semana de Letras, v. 70, p. 1-9, 2010. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf> Acesso em 24 de Dezembro de 2022.

RISCAL, Sandra Aparecida. **Gestão democrática no cotidiano escolar**. 2017. Disponível em: http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2757/1/Pe_Sandra_GestaoDemocratica.pdf Acesso em: 21 de Dezembro de 2022.

SOUZA, da Silva, Cacilda; IGLESIAS, Alessandro Giralde; PAZIN-FILHO, Antonio. **Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais–aspectos gerais**. Medicina (Ribeirão Preto), v. 47, n. 3, p. 284-292, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/86617/89547> Acesso em: 22 de Dezembro de 2022.